

OS LUGARES ENUNCIATIVOS DE UM ENSINO HÍBRIDO: OS ACONTECIMENTOS DISCURSIVOS QUE SE ALTERNAM ENTRE AS MODALIDADES DE ENSINO PRESENCIAL E A DISTÂNCIA

Patrícia da Silva MENEGHEL

Universidade do Sul de Santa Catarina

RESUMO: A Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul) oferta cursos em duas modalidades de ensino: presencial e a distância. Considerando essas modalidades como lugares enunciativos pelos quais trafegam os alunos que se matriculam em cursos da modalidade presencial, este artigo tem o objetivo de analisar a forma pela qual são atualizados acontecimentos discursivos em alunos que operam em duas posições enunciativas dentro do lugar Unisul: presencial e virtual. A metodologia adotada parte de uma pesquisa bibliográfica, através de referenciais teóricos da filosofia e da análise do discurso, oportunamente entrecruzando esses referenciais e ilustrando com materialidades discursivas obtidas em uma sala de aula a distância da disciplina de Filosofia, que reúne alunos de diversos cursos da modalidade presencial da Unisul, configurando, assim, também um estudo de caso nesta Universidade. Os resultados obtidos dão conta de uma disjunção discursiva que opera nos alunos que atualizam acontecimentos em posições-sujeitos diferentes dentro de uma mesma forma-sujeito, denominada neste artigo de Unisul. As posições-sujeitos são determinadas justamente pelas modalidades de ensino presencial e a distância que, embora regidas pelos mesmos saberes da forma-sujeito Unisul, diferem na energia potencial de significantes, essenciais para atualização de acontecimentos múltiplos e responsáveis pela disjunção discursiva que opera nos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação a distância. Ensino Híbrido. Acontecimento discursivo.

THE ENTIRE PLACES OF A HYBRID EDUCATION: THE DISCURSIVE EVENTS THAT HAVE ALTERNATED BETWEEN THE MODALITIES OF PRESENT TEACHING AND DISTANCE

ABSTRACT: The University of Southern Santa Catarina (Unisul) offers two specific learning methods: in-classroom and distance. Considering these methods as places amenable to hybrid education, also visited by students enrolled in face-to-face courses, this article aims to analyze how discursive events are updated among students enrolled in two specific approaches to teaching seen across Unisul: in-classroom and virtual. The methodology adopted, also a Unisul case study, results from a bibliographical research and a theoretical framework based on philosophy and discourse analysis, which are conveniently intertwined to illustrate such methodology, through the discursive materiality obtained from a distance classroom platform designed for the Philosophy course, bringing together students enrolled in various in-classroom

Unisul courses. The results obtained translate the discursive disjunction inherent to the students assigned to update such events, as they find themselves in different subject positions within the same subject form, object of the present Unisul article. The subject positions are determined precisely by both in-classroom and distance teaching methods. Although governed by the same Unisul subject form knowledge, they differ according to the potential energy of the signifier, essential for updating multiple events, being also responsible for the discursive disjunction inherent to students.

KEYWORDS: Distance Education. Hybrid Teaching. Discursive event.

LOS LUGARES ENUNCIATIVOS DE UNA ENSEÑANZA HÍBRIDO: LOS ACONTECIMIENTOS DISCURSIVOS QUE SE ALTERNAMEN ENTRE LOS MODALIDADES DE ENSEÑANZA PRESENCIAL Y LA DISTANCIA

RESUMEN: La Universidad del Sur de Santa Catarina (Unisul) ofrece cursos en dos modalidades de enseñanza: presencial y la distancia. En este artículo tiene el objetivo de analizar la forma por la cual se actualizan eventos discursivos en estudiantes que operan en dos posiciones enunciativas dentro del lugar Unisul: presencial y la distancia, y en el caso de los estudiantes que se matriculan en cursos de la modalidad presencial, virtual. La metodología adoptada parte de una investigación bibliográfica, a través de referenciales teóricos de la filosofía y del análisis del discurso, oportunamente entrecruzando esos referenciales e ilustrando con materialidades discursivas obtenidas en un aula a distancia de la disciplina de Filosofía, que reúne estudiantes de diversos cursos de la enseñanza la modalidad presencial de Unisul, configurando así un estudio de caso en esta Universidad. Los resultados obtenidos dan cuenta de una disyunción discursiva que opera en los estudiantes que actualizan eventos en posiciones-sujetos diferentes dentro de una misma forma-sujeto, denominada en este artículo de Unisul. Las posiciones-sujetos son determinadas justamente por las modalidades de enseñanza presencial y la distancia que, aunque regidas por los mismos saberes de la forma-sujeto Unisul, difieren en la energía potencial de significantes, esenciales para la actualización de acontecimientos múltiples y responsables de la disyunción discursiva que opera en los estudiantes.

PALABRAS CLAVE: Educación a distancia. Enseñanza Híbrida. Acontecimiento discursivo.

INTRODUÇÃO

A Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), fundada em 1964, tem sua sede localizada na cidade de Tubarão (SC), é uma Universidade comunitária e oferece cursos de graduação e pós-graduação (*lato sensu e stricto sensu*) nas diversas áreas do saber, em três Campi distintos: Campus Norte (Florianópolis, Palhoça – SC), Sul (Tubarão, Braço do Norte, Içara e Araranguá - SC) e Virtual.

O Campus Virtual, apesar de ter a sede localizada no município de Palhoça (SC), possui polos espalhados por todo o país (77 polos) e oferece cursos de graduação e pós-graduação totalmente a distância. Além disso, esse campus promove uma integração com os Campi presenciais (norte e sul) da própria Universidade, no que diz respeito a oferta de disciplinas que fazem parte dos projetos políticos pedagógicos dos cursos presenciais, mas são cursadas pelos alunos na modalidade a distância.

Essas disciplinas, denominadas institucionalmente de “Unidades de Aprendizagem”, compõe um portfólio com demandas provenientes dos cursos da modalidade presencial e cujas ofertas se dão exclusivamente na modalidade a distância. Cabe salientar que o portfólio respeita a Portaria do MEC n. 4.059/2004 e a Resolução CEE/SC n. 21/2005, que indicam que os cursos de graduação podem oferecer até 20% (vinte por cento) da sua carga horária total na modalidade a distância.

De toda a forma, a obrigatoriedade de cursar algumas unidades de aprendizagem a distância faz com que os alunos que se matriculam na modalidade presencial alternem entre duas modalidades enunciativas diferentes, isto é, ora regidas pelas marcas que caracterizam a modalidade presencial, ora pela modalidade virtual.

Assim, nas Unidades de Aprendizagem Virtuais (UAV) aparece o aluno que optou por estudar em um curso de graduação presencial, está numa faixa etária predominantemente entre 17 e 24 anos, busca sua primeira graduação e tem o grande desafio de operar entre os espaços presencial e virtual.

Por outro lado, os alunos que ingressam num curso totalmente a distância, estão numa faixa etária que varia entre 25 e 60 anos, aproximadamente, além de um perfil que se caracteriza pela busca de uma segunda graduação, ou seja, que procura se especializar na área de atuação profissional. Esse público de alunos opera somente em uma modalidade enunciativa, qual seja, a distância.

As inquietações partem justamente do ponto que questiona o acontecimento ideal para a construção desse sujeito que ocupa uma posição nesse lugar enunciativo (Unisul), que ora está na modalidade presencial e ora está na modalidade a distância, isto é, os acontecimentos ideais para a efetividade de um processo de ensino e aprendizagem qualificado, que corresponda às

expectativas de professores e alunos e que tenha seu efeito refletido numa sociedade transformada pelos saberes e pelos sujeitos desses saberes.

Por oportuno, Deleuze (2009, p. 55) questiona sobre o acontecimento ideal e descreve, ele mesmo, uma resposta para tal interrogativa.

O que é um acontecimento ideal? É uma singularidade. Ou melhor: é um conjunto de singularidades, de pontos singulares que caracterizam uma curva matemática, um estado de coisas físico, uma pessoa psicológica e moral [...] Tais singularidades não se confundem, entretanto, nem com a personalidade daquele que se exprime em um discurso, nem com a individualidade de um estado de coisas designado por uma proposição, nem com a generalidade ou a universalidade de um conceito significado pela figura ou a curva. A singularidade faz parte de uma outra dimensão, diferente das dimensões da designação, da manifestação ou da significação. A singularidade é essencialmente pré-individual, não-pessoal, aconceitual.

Para Deleuze (2009), o acontecimento ideal é único, singular. Essa singularidade do acontecimento não está no sujeito, porque não está na “[...] personalidade daquele que se exprime em um discurso [...]” (DELEUZE, 2009, p.55), ou seja, está em pontos singulares que pertencem a uma outra dimensão e que caracterizam uma curva matemática.

Em seus estudos, Deleuze (2009) se reporta repetidas vezes, de forma metafórica, a essa curva matemática como o resultado de uma estrutura, ou seja, que tem sua origem na intersecção de dois pontos em um determinado espaço. Esses pontos, para o autor, são designados como significante e significado – os dois eixos de uma estrutura que, quando se cruzam em pontos flutuantes, efetuam-se em acontecimentos.

A partir disso, considerando o lugar (Unisul) e o acontecimento ideal para que o sujeito se construa discursivamente, estabelecemos a problemática deste artigo: como se atualizam os acontecimentos discursivos de um aluno que opera em duas instâncias: presencial e a distância?

Há um sujeito que se constrói no ensino híbrido, nesse lugar discursivo, e o faz em função de acontecimentos múltiplos que se dão numa posição enunciativa e que provocam singularidades provenientes da intersecção de uma estrutura (significante e significado). Assim, esta pesquisa tem por objetivo analisar a forma pela qual são atualizados acontecimentos

discursivos em alunos que operam em duas posições enunciativas dentro do lugar Unisul: presencial e virtual.

A relevância desse percurso de pesquisa está em analisar, sob uma perspectiva filosófica/discursiva, o sujeito que se constrói a partir dos acontecimentos efetuados no ensino híbrido, mais focadamente, no contexto da Unisul, constituídos a partir de uma estrutura. Com base nessa relação teórica (filosofia e Análise do Discurso), este artigo inova no sentido de entrecruzar os preceitos das duas correntes, ora encontrando pontos de aproximação, ora desafiando essa aproximação com proposições inovadoras.

Em relação à metodologia, partiremos de uma pesquisa bibliográfica, pautada em referenciais da Filosofia e da Análise do Discurso e fazendo cruzamentos entre essas teorias para, oportunamente, analisá-las sob as condições de produção dos enunciados atualizados na sala virtual da Unidade de Aprendizagem de Teoria do Conhecimento, aberta no primeiro semestre de 2016 (2016-1). A escolha da unidade de aprendizagem se justifica por ter um conteúdo mais teórico e, por conseguinte, mais propício à reflexões e discussões. Além disso, a turma é formada por setenta e seis alunos matriculados em diferentes cursos da modalidade presencial, que tem em comum a presença da referida unidade de aprendizagem nos seus projetos políticos pedagógicos.

Assim, utilizaremos como *corpus* materialidades da Unidade de Aprendizagem Teoria do Conhecimento, apresentadas na ferramenta fórum, como parte de uma atividade específica de reflexão e, também, algumas sequências discursivas que apareceram no relatório institucional de avaliação por unidade de aprendizagem, proveniente de um questionário com perguntas abertas e fechadas, disponibilizado aos alunos para resposta espontânea ao final do curso da unidade de aprendizagem. A proposta desse artigo é trabalhar no limiar comparativo entre as formas administrativas de ações do ensino desse lugar (Unisul) e, nesse caso, configurando a aplicação de um estudo de caso.

Assim, não é pretensão deste artigo aplicar teorias em um determinado *corpus*, mas, fundamentalmente, analisar o sujeito que se constrói no ensino híbrido, por meio de uma reflexão filosófica/discursiva e, oportunamente, ilustrando as análises com materialidades discursivas. Cabe ressaltar que essas materialidades não serão literalmente analisadas sob a

égide da análise do discurso, mas serão aproveitadas para exemplificar, constatar ou mesmo despertar questões filosóficas/discursivas que serão teoricamente discutidas nesta pesquisa.

Os sujeitos que ocupam uma posição discursiva nesse lugar (Unisul) vão se constituindo em acontecimentos múltiplos, assujeitados pelas condições de produção desse espaço enunciativo que, como já dito, transita pelas modalidades presencial e a distância. Para cada acontecimento, temos a convergência de significantes e significados que, por sua vez, geram a singularidade das efetuações dos discursos produzidos (em acontecimentos). Daí a importância desta pesquisa se desenvolver focando nas materialidades discursivas que marcam o sujeito do ensino que transita entre o presencial e o virtual, ou seja, determinadas por posições discursivas que igualmente são marcadas pelo presencial e o virtual.

Assim, segundo Orlandi (1999, p. 68),

Fatos vividos reclamam sentidos e os sujeitos se movem entre o real da língua e o da história, entre o acaso e a necessidade, o jogo e a regra, produzindo gestos de interpretação. De seu lado, o analista encontra, no texto, as pistas dos gestos de interpretação, que se tecem na historicidade. Pelo seu trabalho de análise, pelo dispositivo que constrói, considerando os processos discursivos, ele pode explicitar o modo de constituição dos sujeitos e de produção de sentidos. Passa da superfície lingüística (corpus bruto, textos) para o objeto discursivo e deste para o processo discursivo. Isto resulta, para o analista com seu dispositivo, em mostrar o trabalho da ideologia.

Portanto, para efeito de reflexão filosófico/discursiva, este artigo percorre os pressupostos teóricos de autores como Deleuze, Pêcheux e outros ainda a serem requeridos oportunamente, para auxiliar-nos em questões pontuais, como Benveniste e Foucault, de forma que a análise é realizada ao tempo em que as teorias forem provocando as associações entre tema, problema e objetivo.

1. ENUNCIADO / ENUNCIÇÃO

Para Benveniste (1989), há um *aparelho formal da enunciação* (língua e fala simultaneamente), ou seja, um dispositivo que existe nas línguas, disponibilizado pela estrutura da própria língua, para a atualização da fala. O locutor enuncia seu dizer da posição do “eu” e, ao mesmo tempo, remete à posição do outro, ou seja, aquele que ocupa a segunda pessoa do

discurso (tu). Relaciona-se, assim, ao emprego da língua, a enunciação, uma vez que a enunciação é a necessidade que o falante tem de mobilizar a língua, materializando-se em discurso, o enunciado. Assim, ao iniciar os estudos da enunciação, abrem-se horizontes para teorias do discurso, para a constituição do sujeito pela/na linguagem. A enunciação está na base dos processos discursivos.

Há um deslizamento do sentido do enunciado na produção do acontecimento, razão pela qual será fundamental percorrer os pressupostos teóricos de Foucault (2002) e de Pêcheux (1997).

Segundo Foucault (2002, p. 94), o enunciado está no plano do discurso, não se submete a uma estrutura linguística constituinte das frases, mas “trata-se da operação efetuada [...] pelo que se produziu pelo próprio fato de ter sido enunciado”. Os enunciados não existem no sentido em que existe uma língua. A língua existe como sistema de construção para possíveis enunciados. Como se pode observar:

[...] a língua, na verdade, jamais se apresenta em si mesma e em sua totalidade; só poderia sê-lo de uma forma secundária e pelo expediente de uma descrição que a tomaria por objeto; os signos que constituem seus elementos são formas que se impõem aos enunciados e que os regem do interior. Se não houvesse enunciados, a língua não existiria; mas nenhum enunciado é indispensável à existência da língua (e podemos sempre supor, em lugar de qualquer enunciado, um outro enunciado que, nem por isso, modificaria a língua) (FOUCAULT, 2002, p. 96).

Pode-se compreender o enunciado como um acontecimento. E, como acontecimento, o enunciado vincula-se a uma atualização no sujeito. Embora único, o enunciado está aberto à repetição. Mas, convém lembrar que, a cada acontecimento, tem-se um novo enunciado, com sentidos diferentes, já que está ligado a situações de uso, a posições ocupadas pelo sujeito. O enunciado pode ser entendido como unidade elementar do discurso.

Na verdade, os processos de enunciação se efetuam a partir de enunciados que se constituem pelo dito e pela negação ao não dito. A ilusão do sujeito está exatamente na impressão de que seu dizer lhe é peculiar e único, ao invés de compreender que tudo sempre já está lá, na transcendência que inspira e, ao mesmo tempo, produz o dizer do sujeito, possibilitando a seleção de um e não de outro.

Para Pêcheux (1997), o sujeito não é indivíduo, empírico, mas é sujeito do discurso. E apesar de ter a ilusão de ser (o sujeito) a fonte do sentido, ele é, na verdade, preenchido por aquilo que designa como forma-sujeito: “a forma-sujeito tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso, isto é, ela simula o interdiscurso no intradiscurso, de modo que interdiscurso aparece como “já-dito” do intradiscurso, no qual se articula por “co-referência”. (PÊCHEUX, 1997, p. 167). Em outras palavras, a forma-sujeito incorpora o interdiscurso e cria um efeito ilusório de ter uma unidade, uma homogeneidade.

Pêcheux (1997, p. 266) diz que “a forma-sujeito do discurso, na qual coexistem, indissociavelmente, interpelação, identificação e produção de sentido, realiza o *non-sens* da produção do sujeito como causa de si sob a forma da evidência primeira”. Ou seja, o sentido só é produzido pela relação que o sujeito estabelece com a forma-sujeito, que por sua vez, está associada a uma formação discursiva específica.

Assim, embora uma formação discursiva permita agrupar e combinar diferentes discursos, dispersos em acontecimentos únicos, há um princípio organizador que assegura a unidade do enunciado, que reflete as condições de existência de determinada formação discursiva.

Michel Pêcheux (1997) usa esse conceito de Foucault (2002), mas inclui nele a preocupação com a ideologia, considerando que os enunciados são produzidos a partir de um lugar ideologicamente marcado. Para Pêcheux (1990, p. 314),

A noção de formação discursiva (FD) começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu “exterior”: uma FD não é um espaço estruturalmente fechado, pois é constitutivamente “invadido” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais.

Pêcheux (1997) utiliza como base da teoria sobre o discurso a concepção althusseriana de ideologia. Para Althusser (1985, p. 23) “a ideologia exprime sempre, seja qual for a sua forma (religiosa, jurídica, política) posições de classe”, ou seja, um viés marxista de posições no tocante à luta de classe, com destaque às divisões ideológicas controladas pelo Estado e por seus aparelhos repressores que controlam o que pode e deve ser dito.

Na verdade, Foucault (2002), ao invés de ideologia, trabalha com a constituição de saberes/poderes, que não passariam necessariamente pela questão das classes sociais e não estariam necessariamente determinados por fatores econômicos, mas em práticas sociais que constituem os discursos de uma época. Discorreremos a respeito dessa temática no item a seguir.

1.1. FORMAÇÃO DISCURSIVA

A noção de formação discursiva à qual se refere Foucault (2002) é justamente marcada a partir de certas regularidades que não podem ser observadas de uma forma descritiva quantitativa, mas que são constituintes das condições de produção do discurso, de saberes/poderes, ou seja, diz respeito ao espaço social e à história, num movimento ininterrupto e descontínuo do tempo.

De acordo com Foucault (2002), um discurso é constituído a partir da dispersão de acontecimentos que se transformam, modificam-se, contradizem-se com uma determinada formação e são constituídos em uma nova formação discursiva.

O autor também refletiu acerca das transformações a que estão sujeitas as formações discursivas, lembrando que, mesmo sendo dinâmicas, elas mantêm as suas regularidades de forma substantiva.

Formação discursiva não desempenha o papel de uma figura que para o tempo e o enregela por décadas ou séculos; ela determina uma regularidade própria a processos temporais; coloca princípios de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outra série de acontecimentos, de transformações, de mutações e de processos. Não há uma forma intemporal, mas um esquema de correspondência entre diversas séries temporais. (FOUCAULT, 2002, p. 90).

Cabe também explicitar que tipo de regularidade é essa que caracteriza tão fortemente uma formação discursiva, segundo o que o próprio Foucault (2002, p. 51) esclarece:

No caso em que se pudesse descrever [...] semelhante sistema de dispersão, no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se poderia definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), dir-se-á, por convenção, que se trata de uma formação discursiva – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e

consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, como “ciência”, ou “ideologia” ou “teoria”, ou “domínio de objetividade.”[...]

Assim, Foucault (2002) se distancia da ideologia como princípio organizador de uma formação discursiva. Na verdade, Foucault (2002) mostrava preocupações para com a forma como os saberes são instituídos e em como a sociedade permite a circulação desses saberes.

Há, em primeiro lugar, um trabalho negativo a ser realizado: libertar-se de todo um jogo de noções que diversificam, cada uma à sua maneira, o tema da continuidade. Elas, sem dúvida, não têm uma estrutura conceitual bastante rigorosa: mas sua função é precisa. (FOUCAULT, 2002, p. 23)

Segundo o autor, os discursos não são agrupamentos unitários e contínuos, “[...] é preciso desalojar essas formas e essas forças obscuras pelas quais se tem o hábito de interligar os discursos dos homens; é preciso expulsá-las das sombras onde reinam”. (FOUCAULT, 2002, p. 24). Assim, sejam eles (os discursos) instaurados em certos agrupamentos (literatura, filosofia, religião), será necessário considerar que há características que os marcam em determinada época e que há “[...] fatos de discurso que merecem ser analisados ao lado de outros, que com eles mantêm, certamente, relações complexas, mas que não constituem seus caracteres intrínsecos, autóctones e universalmente reconhecíveis”. (FOUCAULT, 2002, p. 25).

No entanto, em uma das primeiras formulações de Pêcheux a respeito de formação discursiva, em um texto em parceria com Fuchs (PÊCHEUX; FUCHS, 2010), é possível se observar uma tendência em estabelecer uma relação entre ideologia e discurso, conforme descreve o fragmento abaixo:

Se deve conceber o discursivo como um dos aspectos materiais do que chamamos de materialidade ideológica. Dito de outro modo, a espécie discursiva pertence ao gênero ideológico, o que é o mesmo que dizer que as formações ideológicas comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito, a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico. (PÊCHEUX & FUCHS, 2010, P. 166-167).

Os enunciados discursivos, para Pêcheux (1997), que emergem de uma dada formação discursiva, caracterizam-se por um modo de se relacionar com a ideologia vigente, indicando o que pode e o que não pode ser dito. É a partir da exterioridade da formação discursiva que as

regularidades são instituídas e o conjunto do dizível é delimitado, com base numa perspectiva histórica e linguística, Pêcheux (1997, p. 160) chama de formação discursiva “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)”. Pode-se depreender que, a noção de sujeito, para Pêcheux (1997) está intimamente ligada à noção de formação discursiva. Segundo ele (PÊCHEUX, 1997, p. 161), “os indivíduos são interpelados em sujeitos de seu discurso, pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. Ao contrário de Foucault (2002), Pêcheux (1997) reforça a relação entre o discurso e a ideologia, configurando-se aí uma marcante diferença entre os dois teóricos sobre tal fato.

Conforme afirma Pêcheux (1997), uma formação discursiva se caracteriza por aquilo que deve e o que não deve ser dito, ou ainda, com mais objetividade, indica que as regularidades de uma formação discursiva são dadas pelo que denomina de *forma-sujeito*. Percebe-se, então, que Pêcheux (1997) acrescenta também a *forma-sujeito*, além da já citada ideologia, como característica da formação discursiva no seu próprio funcionamento.

A posição ocupada por um sujeito, numa formação discursiva, advém, primeiramente, de uma identificação com seus semelhantes e de um reconhecimento de si próprio dentro dessa formação. A *forma-sujeito* reduplica a identidade do sujeito diante de seus pares: há uma organização dos saberes que marcam uma formação discursiva e que formam a identidade dessa formação. Por esse viés, é possível compreender que a reduplicação da identidade é uma superposição do sujeito do discurso com a *forma-sujeito* que caracteriza e homogeneiza uma determinada formação discursiva.

Entretanto, há também a possibilidade de o sujeito, em um dado discurso, assumir uma posição que contraria a *forma-sujeito* da formação discursiva em que está inscrito, provocando uma separação (ao contrário da superposição) que desencadeia uma contraidentificação, isto é, ocorre a instituição de uma resistência à *forma-sujeito* dominante. Nesse caso, ele passa a uma nova posição-sujeito (tipo rebelde, digamos).

Mas além dessas duas modalidades, Pêcheux (1997) considera ainda que há uma terceira, a qual classifica como o modo da “desidentificação, isto é, de uma tomada de posição

não-subjetiva, que conduz ao trabalho de transformação/deslocamento da *forma-sujeito*". (PÊCHEUX, 1997, p. 168). Como Pêcheux (1997) considera essa como uma terceira modalidade, pode-se inferir que o deslocamento do sujeito de uma formação para outra é perfeitamente possível, a partir do momento em que ele não mais se identifica com a *forma-sujeito* constituída. A filiação do sujeito a uma formação discursiva é um processo dinâmico e sem fronteiras delimitadas e rígidas.

Segundo Indursky (2007, p. 169),

Se a formação discursiva se apresenta assim constituída, então a forma-sujeito que a organiza também é heterogênea em relação a si mesma, o que significa afirmar que a forma-sujeito abriga a diferença e a ambigüidade em seu interior. Só assim é possível pensar em uma formação discursiva heterogênea que continua comportando um sujeito histórico para ordená-la. De tal modo que é possível pensar esse sujeito histórico como um sujeito dividido entre as diferentes posições de sujeito que sua interpelação ideológica lhe faculta[...]. Claro está que não se trata mais de uma forma-sujeito dotada de unicidade, pois estamos diante de um conjunto de diferentes posições de sujeito e é esse elenco que vai dar conta da forma-sujeito. Por outro lado, uma forma-sujeito fragmentada abre espaço não só para o semelhante, mas também para o diferente, o divergente, o contraditório, daí decorrendo uma formação discursiva heterogênea, cujo traço marcante é a contradição, que lhe é constitutiva.

Reafirmando que a *forma-sujeito* pode ser heterogênea dentro de uma formação discursiva, em função das diferentes posições que o sujeito pode ocupar, Indursky ainda complementa (2007, p. 170),

Isto equivale a dizer que certos sentidos que são constituídos a partir de uma determinada interpelação/identificação, a partir de um certo momento, podem ser questionados e um sentido pode tornar-se outro e isto mostra que, de fato, "não há ritual sem falhas, enfraquecimento e brechas" (PÊCHEUX, 1997, 301) e ele acrescenta "uma palavra pela outra é a definição da metáfora, mas é também o ponto em que o ritual se estilhaça no lapso". [...] Em minha perspectiva, a falha no ritual se dá no momento em que ocorre o encontro do sujeito do discurso com a linguagem e a história. De fato, é resultante deste encontro que podem ocorrer alguns tipos de falhas no ritual: o primeiro dá origem à entrada de novos saberes, anteriormente alheios a um determinado domínio de saber, produzindo a transformação/reconfiguração de uma FD. E isto ocorre porque a FD é dotada de fronteiras bastante porosas que permitem a entrada de saberes que lhe eram alheios em um determinado momento.[...] Uma outra falha no ritual pode levar-nos a presenciar, não

apenas a fragmentação da própria forma-sujeito, mas a instauração de uma nova posição-sujeito que traz para o interior da FD saberes que aí causam alvoroço e estranhamento, ocorrendo o que Pêcheux descreveu como “irrupção de um além exterior e anterior (1990, p.) na FD”[...]

É pertinente observar que as “falhas do ritual”, conforme afirma Indursky (2007), podem provocar uma contraidentificação do sujeito na FD em que está inscrito e, ainda, que essa mesma falha pode levar o sujeito a questionar os saberes de uma formação e a questionar-se diante desses mesmos saberes, podendo ele (o sujeito) deixar uma formação e se inscrever em uma outra, em superposição, isto é, em reduplicação da identidade que lhe é peculiar.

Indursky (2007, p. 171), de forma pertinente, considera que

[...] não seja possível, nos dias de hoje, trabalhar com uma FD fechada e homogênea. Não é desejável o fechamento de uma máquina discursiva, embora seja muito mais fácil trabalhar desta maneira. Entendo fechamento mais como um efeito de fechamento, e este efeito é necessário para que o analista possa fazer seu trabalho, mas este efeito pode se dar somente depois que tenha sido instituído o gesto analítico/interpretativo do analista. E o que produz esse fechamento é o princípio organizador preconizado pela teoria, a ideologia, que não pode mais ser entendida como um discurso para cada um.

E, ainda, complementa:

Julgo, pois, que a FD merece que lutemos por ela. Mas, para tanto, é preciso que se entenda que, a um só tempo, ela está submetida ao princípio organizador que é a ideologia, e que esta é uma unidade dividida em relação a si própria; portanto, não é possível cristalizar a FD; desde que a FD não se converta em um colete rígido que impeça a fragmentação da forma-sujeito; desde que lembremos constantemente que não há ritual sem falhas e que esta falha permite que novos saberes podem inscrever-se, obedecendo ao princípio da transformação; desde que saibamos que esta falha no ritual conduz o sujeito do discurso a apropriar-se de saberes alheios e inseri-los no âmbito de uma FD. (INDURSKY, 2007, p. 171)

Por conseguinte, pode-se inferir que os sentidos não estão nas palavras, nas expressões em si, mas recebem o sentido da formação discursiva na qual são produzidas. Uma palavra, expressão, não tem um sentido próprio, o sentido provém do momento da enunciação, dependendo da posição ocupada pelo sujeito em uma determinada formação discursiva.

Segundo Pêcheux (1990, p. 314), reportando-se a Foucault,

A noção de formação discursiva (FD) começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu “exterior”: uma FD não é um espaço estruturalmente fechado, pois é constitutivamente “invadido” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhes suas evidências discursivas fundamentais.

O que se pode afirmar é que uma formação discursiva não se encerra em si mesma, muito pelo contrário: ela é caracterizada pela incompletude e, por conseguinte, passível de ser invadida por elementos de outras formações. Essa característica é bem explicada por Foucault (2002, p. 26) quando, metaforicamente, afirma:

É que as margens de um livro jamais são nítidas nem rigorosamente determinadas: além do título, das primeiras linhas, e do ponto final, além de sua configuração interna e da forma que lhe dá autonomia, ele está preso em um sistema de remissões a outros livros, outras frases: nó em uma rede.

A partir dessa citação, é oportuno voltar-se para o lugar no qual se foca esta pesquisa, ou seja, à Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.

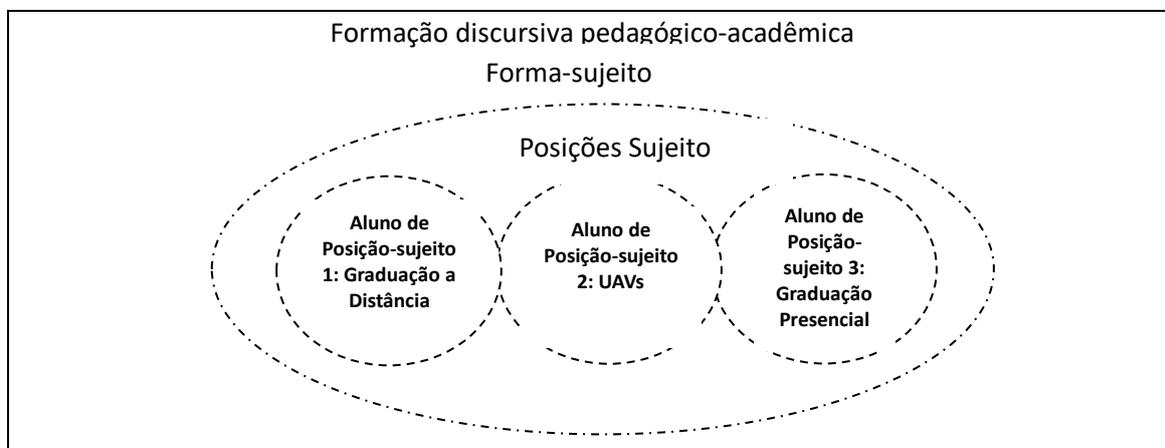
1.1.1 Forma Sujeito Unisul

Tendo por premissa que uma formação discursiva é caracterizada por uma incompletude que se faz e se desfaz em função das formações outras que a permeiam, e que as regularidades de uma podem ser contraditórias para outras (ou não, totalmente), tem-se que a *forma-sujeito* de uma FD determina uma identificação de saberes que, mesmo apresentando regularidades em sua essência, estão abertos a questionamentos e a possíveis contradições, diante das diferentes posições-sujeito que se efetuam numa mesma FD.

No caso específico deste artigo, trataremos do discurso pedagógico como, segundo Orlandi (1983, p. 21), “(...) um dizer institucionalizado, sobre as coisas, que se garante, garantindo a instituição em que se origina e para a qual tende: a escola”. Nessa concepção, não excluimos os inúmeros atravessamentos do discurso pedagógico em outros âmbitos, ou seja, não se circunscreve apenas ao espaço escolar, mas nosso propósito neste artigo é circunstanciá-lo no movimento do sujeito de um determinado lugar, qual seja, na Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. As regularidades do dizer desse lugar é que filiam o sujeito a uma formação

discursiva, que trataremos neste artigo como FD – pedagógico-acadêmica. Assim, cabe demonstrar, no caso específico deste artigo, a forma pela qual se caracterizará a formação discursiva pedagógico-acadêmica, conforme segue na figura 1:

Figura 1: A formação discursiva pedagógico-acadêmica (FD-Unisul)



Fonte: Autora, 2018

Para efeito desta pesquisa e valendo-nos dos preceitos teóricos já descritos com relação à formação discursiva, julgamos pertinente adotar a Unisul como *forma-sujeito* da formação discursiva pedagógico-acadêmica, a fim de que seja possível fazer inferências acerca da temática deste artigo e obter caminhos para solução da problemática em foco.

A Unisul está no contexto educacional há quase 50 anos, realizando atividades de ensino, pesquisa e extensão. É natural supor que ela se reinventou ao longo do tempo, criando e recriando a sua atuação na área educacional. Do mesmo modo, as formações discursivas criam-se e recriam-se na medida em que novas tendências sociais e históricas se delineiam, também a universidade se reconstitui, afinal, até pouco tempo atrás, não se cogitava que o processo de ensino e aprendizagem estivesse acessível através de ambientes *e-learning*, tendo como base os recursos da internet. Dessa forma, parece plausível que, numa perspectiva pedagógico-acadêmica, sob o âmbito da formação discursiva, tenhamos na instituição Unisul regularidades que, ao mesmo tempo em que suscitam superposições (reduplicação da identificação), também inspirem separação (contraidentificação), de maneira que a posição-sujeito, muito embora seja interpelada pelo funcionamento peculiar da formação discursiva (pedagógico-acadêmica), também dá vazão a contradições e a questionamentos, decorrendo daí atravessamentos outros que dão origem a diferentes posições-sujeito dentro de uma mesma formação discursiva.

Para Foucault (2002) e Pêcheux (1997) há um consenso com relação à formação discursiva no que tange à compreensão de que os enunciados não estão nos sujeitos, mas se efetuem neles, como posição-sujeito, a partir de certas regularidades e funcionamentos que delimitam a FD. É pertinente considerar que a concepção de Pêcheux (1997), de que o interdiscurso (o sempre já dito), a exterioridade que delimita o dizer a partir do lugar do outro e que está intimamente relacionado à ideologia e à historicidade, assim como a *forma-sujeito*, que decorre das diferentes posições sujeito em uma mesma formação discursiva, justifica com maior propriedade a imagem da figura 1.

A partir de uma dada formação discursiva (pedagógico-acadêmica), temos as regularidades e os saberes pertinentes ao funcionamento e aos atravessamentos dentro de uma FD – *forma-sujeito*. Como a *forma-sujeito* não é homogênea, ela abre espaço para contradições que se estabelecem no interior dela própria, e aí, a heterogeneidade de posições-sujeitos passa a ser marcada. No caso específico da *forma-sujeito* Unisul, essas diferenças de posições-sujeito são marcadas pelas diferentes modalidades de ensino da instituição (presencial e virtual), que suscitam diferentes posições-sujeito no seu funcionamento.

As modalidades presencial e a distância, ou ainda, a mescla do modo operacional do ensino presencial e a distância, pressupõe, de antemão, regularidades que divergem em suas especificidades mais elementares: a presença física é marcada no presencial; a presença virtual é marcada como potência para acontecimentos, na modalidade a distância.

Nessa perspectiva, pode-se supor que, embora estejamos focados na formação pedagógico-acadêmica, temos identidades que se contraidentificam, separam-se e provocam certa resistência à *forma-sujeito* de origem, dando vazão a outras posições-sujeito. De fato, de um lado, temos a Posição-sujeito 1: Graduação a distância, com alguns dispositivos que a marcam: temos um aluno que ocupa uma faixa etária predominantemente igual ou maior a 25 anos de idade; que já cursou uma graduação e procura o ensino virtual para um aperfeiçoamento profissional; que possui sua independência financeira; que já constituiu família e necessita de um horário flexível para estudar. Na outra extremidade mostrada na figura 1, temos a Posição-sujeito 3: Graduação presencial: formada por alunos (em maioria) que recém saíram do ensino médio; cursam a primeira graduação; não possuem independência financeira; ainda não constituíram família; possuem disponibilidade de tempo para frequentar os horários de aulas

presenciais. No centro da figura 1 temos os alunos da Posição-sujeito 2: UAVs. Eles são alunos matriculados no curso presencial, porém, em função de uma norma institucional (UNISUL), devem cursar unidades de aprendizagem virtuais.

Portanto, nessa posição-sujeito (posição-sujeito 2: UAVs) temos os alunos que seguem as regularidades do ensino presencial (posição-sujeito 3: Graduação presencial), mas, eventualmente, por força da oferta das unidades de aprendizagem virtuais, deparam-se com outras regularidades, determinados pela posição-sujeito 1: Graduação a distância.

Essas regularidades que marcam a posição-sujeito 2: UAV é que permitem a efetuação de acontecimentos discursivos dentro da FD Unisul, para os alunos que compreendem o ensino híbrido da Universidade, ou seja, ora no presencial, ora no virtual. Justamente sobre o acontecimento é discorreremos no próximo item.

2. O ACONTECIMENTO

O acontecimento pode ser compreendido como um campo do possível (do devir), ou seja, como um campo de efetuação de uma dada atualização, produzida pelo movimento dinâmico e transcendente de um significante e um significado (estrutura). Nessa perspectiva, o que se pretende neste artigo é compreender o acontecimento para além do discursivo, isto é, para além do feito/dito no discurso, mas com vistas ao acontecimento enquanto efeito de real, enquanto potência virtual numa atualização sincrônica no tempo.

O acontecimento é a possibilidade da presença (virtualidades) em atualizações diversas e ao mesmo tempo únicas (significados), que determinam o efeito de real. Há sempre um jogo, como diz Derrida (1995), que faz com que a infinitude de significantes consiga suprir uma falta e evidenciar um acontecimento que, uma vez atualizado, não pode ser substituído.

Há sempre um devir que, em essência, não tem, necessariamente, uma relação com o passado ou com o futuro (*aion*¹), ou seja, é atualização pura num não-tempo, que marca uma

¹ Segundo Deleuze (2009, p. 64), considera como *aion* “o passado e o futuro essencialmente ilimitados, que recolhem à superfície os acontecimentos incorporais enquanto efeitos”. Opõe-se a *Chronos*, que designa o tempo cronológico, em que o antes se ordena ao depois.

diferença subjetiva entre os sujeitos: ele não é o mesmo que efetuou um acontecimento, ele é sempre outro, a partir das sucessivas efetuações.

Segundo Deleuze (2009, p. 97), “o acontecimento é submetido a uma dupla causalidade, remetendo de um lado às misturas de corpos que são a sua causa, de outro lado, a outros acontecimentos que são a sua quase-causa. É por isso que Deleuze (2009, p.97) utiliza o conceito de “dupla causalidade”, ou seja, de um lado está toda a transcendência significativa (potência), de outro lado está a dimensão da significação (atualização), mas não é somente isso, isto é, há também a dimensão de manifestação, “no posicionamento de um sujeito transcendental que conserva a forma da pessoa, da consciência pessoal e da identidade subjetiva e que se contenta em decalcar o transcendental a partir dos caracteres empíricos” (DELEUZE, 2009, p. 101).

A transcendência significativa é sempre presente, enquanto a dimensão da manifestação está sempre em falta (ausência), e é justamente essa dinâmica que dá origem aos sucessivos acontecimentos.

Cabe observar uma sequência discursiva obtida na Unidade de Aprendizagem de Filosofia (UAV – 2016-1), através da ferramenta Fórum, em que se tem um tema para ser debatido entre os alunos da turma, sendo essa uma atividade avaliativa (Avaliação a distância 2 – AD2), em que a proposta era a seguinte:

- Atividade fórum: Tema do fórum: O Mito da Caverna

Na disciplina de Filosofia você está estudando as ideias de alguns pensadores que se destacaram no decorrer da história da Filosofia.

Entre os Filósofos estudados tem um que nos oferece um clássico que é o Mito da Caverna. O nome dele é Platão. Acesse os links² sugeridos, assista aos vídeos e leia o texto de Marilena Chauí (O mito da caverna) e em seguida elabore um posicionamento pessoal de 10 a 15 linhas respondendo como este mito está relacionado a Sócrates e aos Sofistas. Diga também quem são os sofistas atualmente a partir do que diz o mito da caverna. Depois de digitar seu comentário principal, faça mais um comentário a respeito de uma resposta já publicada.

² http://www.youtube.com/watch?v=_cCWozf7Pk / http://www.youtube.com/watch?v=I9qPYb_N3ng

Os alunos abaixo referenciados por S1, S2, S3, em resposta à atividade, publicaram as seguintes sequências discursivas:

- S1 - O Mito da Caverna - 04/06/2017 (11:49)

Nº de Visualizações: 54

“Podemos relacionar esta história do Mito da Caverna com as ideias de Sócrates e dos Sofistas, pois ela busca conhecer a realidade e descobre sua ignorância perante o novo mundo, é o próprio Sócrates questionando a moral tradicional. A parte onde todos acreditam cegamente que as sombras projetadas na parede são mais verdadeiras do que a realidade do próprio mundo, são as concepções mitológicas dos Sofistas. Hoje nós vivemos em uma sociedade que preza muito pela informação da mídia, não nos dando o trabalho de nos informarmos sobre um determinado acontecimento visto na televisão.”

- S2 - O mito da Caverna - 05/06/2017 (17:19)

Nº de Visualizações: 17

“As informações que os sofistas tentam passar restringem o pensamento das pessoas, e elas vão continuar sempre presentes na nossa sociedade. Cabe as pessoas que estão a receber esse conhecimento saber julgar o que é conveniente para ele e buscar querer sempre conhecer mais, não se restringindo a ideia de ditos sábios.”

- S3 - Os dois lados da caverna. - 05/06/2017 (00:42)

Nº de Visualizações: 20

“É visível a presença dos chamados sofistas nos mais variados meios de comunicação disseminando a persuasão a todos os tipos de pessoas. Sejam em telenovelas, jornais, horários reservados à propaganda eleitoral, e até mesmo jogos de futebol presencia-se este fato. De fatos são meios que tornam o receptor cada vez dependente deste tipo de informação, ou seja, é um círculo vicioso. Entretanto não quer dizer que a busca do conhecimento está e abolir este tipo

de canal informativo de vez do cotidiano, mas sim usar como medida de conhecer o problema e usar de aprendizado para buscar o conhecimento universal.”

As sequências discursivas publicadas pelos alunos na sala virtual permitem compreender as atualizações em forma de postagens, ou seja, que se dá por acontecimentos decorrentes dos enunciados formulados em cada enunciação que ocorre no momento em que cada aluno conectado à plataforma escreve e se inscreve em seu dizer. A sequência ou sucessão de acontecimentos formam uma teia que produz uma outra materialidade (diferente daquela postada pelo professor). Essa outra materialidade é o discurso em si, justamente por ser o produto e a coadunação dos acontecimentos.

A proposta da atividade provocou a dinâmica entre significantes e significados para cada um dos sujeitos envolvidos. Além disso, para cada transcendência significante (de S1, S2, S3), teve que haver a dimensão da significação, cuja interseção com a dimensão significante fez ressoar a dimensão da manifestação, única, irrepitível, para cada um dos sujeitos envolvidos.

A presença significante se fundiu à ausência (falta - em primeira instância – ponto de partida – “casa vazia” (DELEUZE 2009, p. 54)), na dimensão de significação de cada um dos sujeitos (S1, S2, S3). A partir do momento em que o significante ressoou sobre o significado, eclodiu a dimensão da manifestação, que, justamente, dá origem à sequência discursiva ora discutida.

É nesse jogo de presenças e ausências que se constituem os acontecimentos como atualizações que se efetuam no sujeito, que se espera e se aspira nele.

Segundo Deleuze (2009, p. 151),

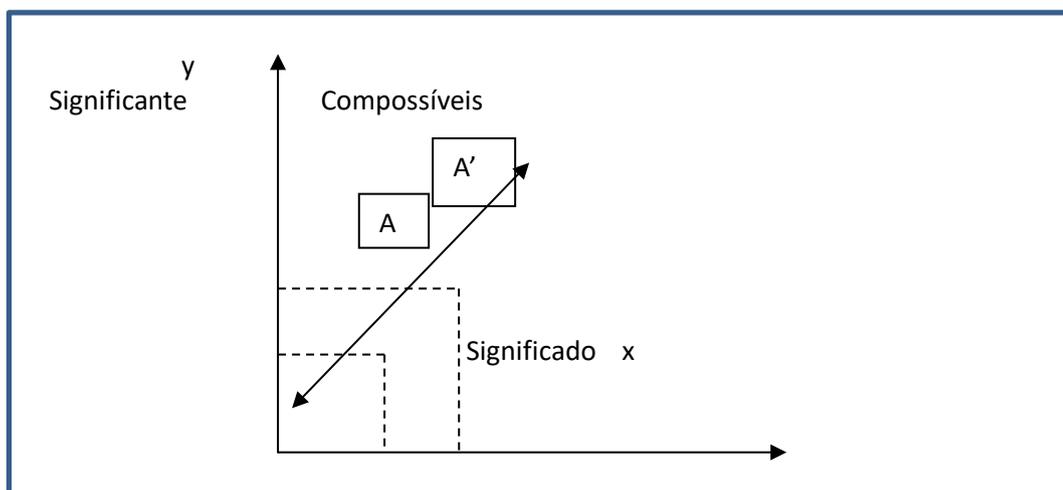
Chegar a esta vontade que nos faz o acontecimento, tornar-se a quase-
causa do que se produz em nós, o Operador, produzir as superfícies e as
dobras em que o acontecimento se reflete, se reencontra incorporal e
manifesta em nós o esplendor neutro que ele possui em si como
impessoal e pré-individual, para além do geral e do particular, do coletivo
e do privado – cidadão do mundo.

Assim, há uma pertinente interrogação: o que faz com que um acontecimento se suceda a outros, compatíveis ou incompatíveis?

A simples causalidade, ou seja, a relação de efeitos entre si não é a resposta mais apropriada para essa indagação, justamente porque não são as relações de causa e efeito que determinam acontecimentos. Deleuze (2009, p. 176) responde a essa pergunta afirmando que é através de “um conjunto de correspondências não-causais, formando um sistema de ecos, de retomadas e de ressonâncias, um sistema de signos, em suma, uma quase-causalidade expressiva, não uma causalidade necessitante”, que um acontecimento se sucede a outro que lhe é anterior.

Ou seja, o acontecimento atualizado, que tornou possível a emergência do enunciado em pauta na Unidade de Aprendizagem de Filosofia, é compossível porque se prolonga do enunciado proposto, também possível em função de outro acontecimento atualizado; há singularidades que emanam da dimensão da manifestação que se estendem do primeiro (Professor - A) para o segundo comentário (Aluno - A'), conforme demonstra a figura a seguir:

Figura 2 - Acontecimentos compossíveis entre professor e aluno



Fonte: Autora, 2018

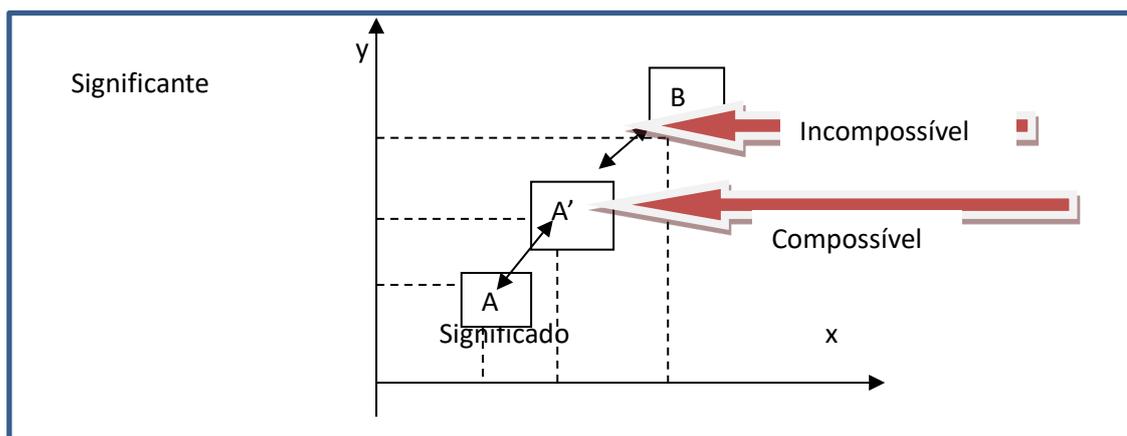
No entanto, supondo-se que esse mesmo sujeito (S1) se desloque da sua formação discursiva de origem (pedagógico-acadêmica) para outra FD. Por exemplo, suponhamos que o sujeito (S1) se torne, eventualmente, um representante político eleito (vereador, prefeito, deputado, etc.). Nessa posição, seu discurso deslizaria da FD de origem para uma nova formação, qual seja, uma FD Política.

Constituindo-se nessa nova formação, o seu dizer assumiria uma nova *forma-sujeito* e, por conseguinte, o sentido do discurso mudaria conforme essa nova forma, assumindo uma

posição divergente àquela de origem. O novo dizer do sujeito (S1), a partir de uma nova posição (*forma-sujeito* da FD Política), representado na figura 3 por “B”, se constituiria em um acontecimento impossível.

O gráfico da figura 3 demonstra o acontecimento impossível (A' para B) para o sujeito S1:

Fig. 3 - Acontecimentos possíveis e impossíveis do sujeito S1



Fonte: Autora, 2018

Assim, segundo Leibniz (*apud* DELEUZE, 2009), a possibilidade de divergência singular de um acontecimento torna possível que uma enunciação se instaure sem estar diretamente relacionada com o acontecimento que lhe é anterior. O acontecimento A' é instaurado sem nenhuma relação com o acontecimento B, para o sujeito S1. A essa relação Deleuze (2009) denomina disjunção, ou seja, há uma disjunção entre os acontecimentos A' e B.

Conforme demonstra a figura 3, a historicidade do sujeito S1 vai se delineando conforme a sucessão de acontecimentos possíveis e impossíveis que vão compondo sua instância paradoxal. A instância paradoxal, em verdade, irá registrar os acontecimentos possíveis e impossíveis, marcando, assim, os deslizamentos do sujeito a partir das *formas-sujeito* que constituirão os seus dizeres em sua história ideológica.

Ou seja, a impossibilidade dos acontecimentos (disjunção) mantém uma distância entre eles, mas não justifica um contrário, apenas mantém um espaço suficiente para

estabelecer uma relação entre manifestações (enunciações) que, por natureza, são diferentes e únicas.

A disjunção não é, em absoluto, reduzida a uma conjunção; ela continua sendo disjunção uma vez que recai e continua recaindo sobre uma divergência enquanto tal. Mas esta divergência é afirmada de modo que o ou torna-se ele próprio afirmação pura. Em lugar de um certo número de predicados serem excluídos de uma coisa em virtude da identidade de seu conceito, cada “coisa” se abre ao infinito dos predicados pelos quais ela passa, ao mesmo tempo em que ela perde seu centro, isto é, sua identidade como conceito ou como eu. À exclusão dos predicados se substitui a comunicação dos acontecimentos. (DELEUZE, 2009, p. 180).

É oportuno observar que, embora haja a impossibilidade dos acontecimentos, uma enunciação pode se suceder de outra não compatível com a primeira, ou seja, há uma linha tênue entre eles (os acontecimentos), uma linha flexível, que permite ao sujeito ocupar diferentes posições e emanar suas manifestações (enunciações) segundo as transcendências significantes de cada uma das formações discursivas que ocupa. Assim, há uma diferença entre o enunciado e os sentidos dele decorrentes de enunciações a partir de acontecimentos que, mesmo distintos, mantêm relações de similitude.

Nem sempre é fácil romper-se numa transcendência de significantes para irromper em outra; portanto, não é tarefa simples suceder acontecimentos (enunciações) que podem emergir de lugares diferentes (posição-sujeito em formações discursivas a que se filia). Há uma disjunção que, para se afirmar, precisa manter uma identidade infinita entre os contrários (dos acontecimentos). Por isso cabe aqui voltar ao problema deste artigo: como se atualizam os acontecimentos discursivos de um aluno que opera em duas instâncias: presencial e a distância?

O que se pode perceber, através do conceito da disjunção, não é uma falta de motivação do aluno para se deslocar da posição-sujeito 3 para a posição-sujeito 2, mas é uma dificuldade que pode ser constatada no discurso dos alunos da mesma turma, que responderam a um questionário de pesquisa de satisfação ao final do curso da Unidade de Aprendizagem de Filosofia, rotineiro na Universidade, e cujos fragmentos de respostas abertas (discursivas), trazem sequências como: (RELATÓRIO DE PESQUISA INSTITUCIONAL, 2016)

- S4: “Óbvio que eu não gostaria de cursar uma modalidade à distância, não me matriculei em um curso a distância, tenho receio de não aprender”;
- S5: “Não gostei da disciplina nesta modalidade. Só fiz, pois é obrigatória, se houvesse presencial eu faria”;
- S6: “não me sinto numa sala de aula estudando a distância. Quero minhas aulas na sala presencial, que estou acostumado”.

Essas respostas foram elencadas aleatoriamente, apenas para constatar uma dificuldade em sintetizar uma disjunção entre os acontecimentos provenientes das duas posições-sujeito (posição-sujeito 2 e posição-sujeito 3) e convertê-los a uma mesma instância paradoxal, própria de cada um.

Segundo Deleuze (2009, p. 180), há “três espécies de síntese: a síntese conectiva (se..., então) que recai sobre a construção de uma só série; a síntese conjuntiva (e), como procedimento de construção de séries convergentes; a síntese disjuntiva (ou) que reparte as séries divergentes”.

O sujeito que ocupa uma posição-sujeito 3 encontra-se centrado em perspectivas de sínteses conectivas: se, sala de aula, então, professor presente; se, sala de aula, então, horário preestabelecido. Da mesma forma, a síntese conectiva é a tônica desse mesmo sujeito, se for acessar uma formação discursiva de redes sociais, como o *facebook*, por exemplo: se, conectado, então, acesso às redes sociais; se, conectado, então, diversão e lazer. De repente, quando ele (sujeito) se desloca da posição-sujeito 3 para a posição-sujeito 2, há uma síntese disjuntiva atuando nas enunciações provenientes dessas posições. Não é mais uma estrutura lógica quanto era na síntese conectiva, justamente porque será necessário romper paradigmas até então estabelecidos.

Na posição-sujeito 2, estar conectado à internet não é simplesmente uma lógica que corresponde a divertimento, por exemplo. O sujeito estará conectado a um espaço virtual de aprendizagem, com direitos e deveres a serem exercidos, com regras estabelecidas.

Assim, percebe-se que há muitas disjunções que precisam ser efetuadas e que, ao serem, provocarão sentidos diferentes para as enunciações que se estabelecerem nessa nova posição-sujeito, dentro da *forma-sujeito* Unisul.

Na síntese disjuntiva, “tudo se faz por ressonância dos disparates, ponto de vista sobre o ponto de vista, deslocamento da perspectiva, diferenciação da diferença e não por identidade dos contrários.” (DELEUZE, 2009, p. 181). E, ainda, para que se perceba o quão sacrificante é esse rompimento, Deleuze (2009, p. 181), complementa:

[...] quando a disjunção acede ao princípio que lhe dá um valor sintético e afirmativo nela mesma, o eu, o mundo e Deus conhecem uma morte comum, em proveito das séries divergentes enquanto tais, que transbordam agora de toda exclusão, de toda conjunção, toda conexão.

Deleuze (2009) faz referência a uma “morte”, ou seja, a um rompimento para efetuação da identidade do contrário, para dar vazão às disjunções que são consequência do deslocamento da posição-sujeito 3 para a posição-sujeito 2.

Há, portanto, uma dificuldade em se abrir para atualizações de acontecimentos em uma nova posição sujeito, dificuldade essa que transparece na fala dos alunos, nas sequências discursivas relatadas anteriormente e que representam as disjunções referidas por Deleuze (2009).

O sujeito que se inscreve na posição-sujeito 2 e que se desloca entre o presencial e o virtual, ou seja, ao tempo em que frequenta uma aula presencial, também se integra ao contexto virtual através das Unidades de Aprendizagem Virtual, constitui-se por dispositivos que também deslizam entre o presencial e o virtual. Talvez daí decorra uma fala sempre muito presente do sujeito desta formação discursiva, que diz: “mas eu me matriculei no ensino presencial, por que preciso estar no ensino virtual?”.

Essa fala transcreve bem o sujeito que, *a priori*, rejeita se abrir para um assujeitamento diferente daquele que já o constitui no ensino presencial. Os fundamentos da análise do discurso nos permitem perceber as marcas que estão na opacidade da linguagem e, por assim dizer, remetem-nos a compreender, segundo Agamben (2009, p. 41), que o sujeito resulta “da relação do corpo a corpo entre os viventes e os dispositivos”.

Esse impasse com os dispositivos virtuais que se atravessam nos dispositivos presenciais e exigem do sujeito um deslocamento de posição (da posição-sujeito 3 para a posição-sujeito 2) constante, causa-lhe um desconforto significativo, uma vibração de significantes que se atravessam entre uma e outra posição e que se efetuam em acontecimentos possíveis.

Os dispositivos do ensino a distância, a priori, podem ser compreendidos pela própria metodologia dessa modalidade. A cena enunciativa se dá por características que fundamentam um ensino a distância, conforme já comentamos, e que difere do ensino presencial. A presença, na modalidade a distância, é marcada pela leitura de documentos disponibilizados pelo professor, por participações em discussões de fórum, ou seja, dispositivos que permitem a interação entre professor, aluno e conteúdos. Já na modalidade presencial, a presença é marcada pelo corpo em sala de aula e, muitas vezes, um corpo que não emite qualquer manifestação, exceto o efeito da sua presença física. Assim, percebe-se que os dispositivos mudam em cada posição enunciativa. Por isso, não há como imaginar que as singularidades significantes, que fazem preencher a “falta” da significação, serão comuns às posições-sujeito da *forma-sujeito* Unisul, muito embora estejam na mesma dimensão, enquanto formação discursiva.

Na verdade, a vizinhança em que se efetua o acontecimento, apesar de regida pelos mesmos saberes, difere na energia potencial de significantes, ora da modalidade a distância, ora da modalidade presencial. Portanto, o que ocorre com o sujeito que desliza da posição-sujeito 3 para a posição-sujeito 2 é uma dificuldade natural em se inscrever em acontecimentos que estão sujeitos a potências significantes que se alternam entre uma e outra modalidade e que, por si só, representam acontecimentos ideais em um e outro lugar enunciativo, respectivamente.

Seja na posição-sujeito 1, 2 ou 3, é fato que existem dispositivos que determinam estratégias de relações de força e que condicionam certos tipos de efetuações, condizentes com as posições-sujeito e que, justamente, são condicionados por eles (os dispositivos).

Os acontecimentos discursivos que se atualizam pelos alunos de um ensino híbrido são marcados por significantes que se alternam entre o presencial e virtual. No entanto, tais significantes estão na transcendência de uma mesma instância discursiva, que é a *forma-sujeito* Unisul, e cujos saberes devem reger uma e outra modalidade de ensino, estabelecendo uma harmonia entre as manifestações desses lugares discursivos.

CONCLUSÃO

Nessa perspectiva, ao voltarmos o foco para o caso da Unisul, em que duas modalidades de ensino estão em vigência, constatamos que, ao invés de denotarmos formações discursivas diferentes, decorrentes das duas modalidades, o que se configura são identificações dos sujeitos com uma e outra modalidade no interior da mesma formação discursiva, de forma que, ao se constituírem, os sujeitos assumem posições-sujeitos diferentes, alinhadas à forma-sujeito da formação discursiva, que no caso específico deste artigo tratamos como pedagógico-acadêmica.

Assim, os acontecimentos discursivos são atualizados em uma formação discursiva única, portanto, regida pelos mesmos saberes, mas que, em seu interior, permite a junção e a disjunção de acontecimentos múltiplos, possíveis e impossíveis, que se dão pelas posições-sujeito que são marcadas pelas formas administrativas de ensino que a Universidade disponibiliza.

A resistência dos alunos em assumirem as posições do ensino híbrido (presencial e virtual), comprovada por algumas sequências discursivas apresentadas neste artigo, demonstram a resistência natural de uma disjunção entre acontecimentos discursivos, provocadas por dispositivos diferentes que se atravessam em uma e em outra modalidade de ensino.

De tal modo, é possível verificar que há atravessamentos pelos quais desliza o sujeito, em posições inerentes à forma-sujeito Unisul. Esses atravessamentos se delineiam, a priori, pela própria caracterização da cena enunciativa e pelas condições de produção do discurso nas posições designadas pela forma-sujeito correspondente.

Cabe também ressaltar que os processos discursivos que decorrem da enunciação não têm sua origem no sujeito, mas se efetuam nele, em enunciados irrepetíveis. Embora pareça contraditório, o fato implica diretamente na constituição do sujeito e no seu assujeitamento frente às condições de produção dos enunciados: de um lado, o efeito do lugar em que advém o enunciador, do outro, a situação empírica do enunciador nesse lugar, isto é, o ambiente material, os papéis que estão em jogo (as condições de produção).

Assim, os atravessamentos que marcam o sujeito na modalidade presencial e a distância, exigem que ele (o sujeito empírico) assumam posições em um e em outro lugar, continuamente,

pois ao se filiar à posição-sujeito 3 (Graduação Presencial), ele deve deslizar, por conseguinte, para as regularidades que marcam a posição sujeito 2 (UAVs), conforme discutido neste artigo.

Esse conflito de posições-sujeito, especialmente para o aluno que se matricula em um curso da modalidade presencial e é automaticamente inscrito também na modalidade a distância, demonstrou ser a premissa básica para fundamentar a resistência de se mover de um lugar escolhido (presencial), para outro não esperado e obrigatório (a distância).

Pelo contrário, os alunos que ingressam em um curso totalmente a distância e que assumem outra posição na forma-sujeito Unisul (posição-sujeito 1), constroem-se a partir de regularidades (esperadas) que regem essa e somente essa posição. Assim sendo, eles se constituem não por atravessamentos de posições, mas por acontecimentos atualizados sob a regência das potências transcendentais que percorrem a estrutura (significante/significado) nessa referida posição (posição-sujeito 1).

Na prática, após a análise da forma pela qual são atualizados acontecimentos discursivos em alunos que operam em duas posições enunciativas dentro do lugar Unisul: presencial e virtual, pode-se concluir que capacitações metodológicas que preparem os alunos matriculados na modalidade presencial para transitarem pela modalidade virtual, diminuindo os efeitos da disjunção entre acontecimentos discursivos, podem se configurar em ações significativas para o processo de operar entre duas modalidades discursivas.

Trabalhos futuros poderão, inclusive, focar na importância de capacitações metodológicas e na avaliação prática dos seus efeitos em alunos que transitam por duas modalidades enunciativas diferentes.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009. 92 p.
- ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. 127 p.
- BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: Problemas de linguística geral. V.2, Campinas: Ed. UNICAMP, 1989.



DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido* / Gilles Deleuze: [tradução Luiz Roberto Salinas Fortes]. – 5. Ed – São Paulo: Perspectiva, 2009.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995. 252 p. (DebatesFilosofia ;49)

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

INDURSKY, Freda. *Formação discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela?* In: FERREIRA, M. C. e INDURSKY, F. (org). *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007. 400 p.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense. 1983.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: Princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. *A análise do discurso: Três Épocas (1983)*. In: GADET, F. & HAK T. *Por uma Análise Automática do Discurso: Uma introdução à Obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethânia S. Mariani et al. Campinas: EDUNICAMP, 1990. p. 311-319.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi [et al.]. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel & FUCHS, Catherine. *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas*. In: GADET, Françoise. & HAK, Tony. (org.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas, Ed. Da UNICAMP, 2010. p. 163-252.

Patrícia da Silva MENEGHEL

Doutora em Ciências da Linguagem, Mestre em Educação e graduada em Ciência da Computação e Letras. Atualmente, professora titular da Universidade do Sul de Santa Catarina nas modalidades presencial e a distância. Na modalidade presencial, atuando na graduação, em cursos de licenciaturas (Filosofia, Sociologia, Pedagogia), no âmbito das tecnologias da informação e comunicação (TICs) aplicadas ao contexto educacional. Também na área de Gestão do Conhecimento, no MBA em Gestão Estratégica e cursos de Pós Graduação em Gestão Escolar, com tecnologias aplicadas à gestão educacional. Na modalidade a distância, atuando como professora, com disciplinas na área de Sistemas de Informação e Tecnologias aplicadas ao contexto de diferentes áreas profissionais: Gestão Pública, Segurança Pública, Turismo, Marketing, Administração, além de disciplinas na área de Letras, como Universidade e Ciência. Também professora conteudista da UnisulVirtual e orientadora de trabalhos de conclusão de curso de Pós graduação em Projetos de TI, Governança em TI. Gestora das Unidades de Aprendizagem Virtual (UAV), que são disciplinas cursadas a distância pelos alunos da modalidade



presencial da Unisul (Campus norte e sul da Unisul). Coordenadora do Polo da Unisul Virtual na Unidade de Tubarão. Professora Avaliadora do INEP - MEC.

Recebido em 16/outubro/2019 - Aceito em 09/maio/2020